

LÍNGUA DE SINAIS E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA APRENDIZAGEM E INTERAÇÃO DE ALUNOS SURDOS NO ENSINO REGULAR

ITHAÍSII COSTA DOS SANTOS¹

LEILA SARAIVA MOTA²

JOANA D'ARC DE VASCONCELOS NEVES³

Resumo: Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Língua de sinais e suas contribuições na aprendizagem e interação de alunos surdos no ensino regular” é resultado da pesquisa de graduação vinculada ao curso de licenciatura plena em pedagogia da universidade Federal do Pará. O presente estudo buscou mostrar o uso da Língua de sinais e suas contribuições no desenvolvimento de duas alunas surdas e alunos ouvintes no ensino regular. O objetivo geral deste trabalho é analisar as contribuições da língua brasileira de sinais-Libras na comunicação e interação entre alunos surdos e ouvintes em uma turma de ensino regular. Objetivos específicos: investigar as contribuições do ensino da Línguas brasileiras de sinais-Libras na aprendizagem. Analisar a interação educacional a partir da aquisição da Libras entre duas alunas surdas e alunos ouvintes. A metodologia de investigação envolveu pesquisa bibliográfica como os autores Costa (2009), Góes (1996), Martins (1997), Moreira (1995), Oliveira (2013) entre outros, e pesquisa de campo, duas alunas surdas incluídas em uma sala de ensino regular, em uma escola municipal EEEF Externato Santo Antônio do município de Bragança/PA, os resultados apontaram que o contato do surdo com a língua brasileira de sinais-Libras, no processo de aceitação e aquisição de novos sinais, não acontece de forma uniforme, e cada surdo aprende esses sinais no seu tempo. Para alguns alunos surdos ocorreu a interação com seus colegas e professores normalmente, para outros, aconteceu algumas resistências, conforme foram identificados nesse estudo.

Palavras chave: alfabetização de surdos, Língua portuguesa, Libras.

1-INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo mostrar o uso da Língua brasileira de sinais-Libras e suas contribuições no desenvolvimento de duas alunas surdas e alunos ouvintes no ensino regular. Normalmente os professores de Língua Portuguesa têm dificuldades de ensinar as mesmas, como uma segunda língua para alunos surdos, assim como, de avaliar o processo de aprendizagem LP para esses alunos, tendo em vista não domínio sobre a Língua Brasileira de Sinais. A pesquisa é resultado da minha atuação como monitora no projeto de extensão conexão Libras, é importante ressaltar que essa foi à primeira turma Libraskid, ofertada pelo projeto, e foi realizada na escola Internato Santo Antônio, do município de

¹ Graduada no curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Pará. ithaisiic@gmail.com

² Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia pela Universidade Federal do Pará, Especialista em Língua Brasileira de sinais pela Faculdade Ipiranga, professora de Língua de Brasileira de sinais-Libras na Universidade Federal do Pará – Campus universitário de Bragança. - E-mail: profleilamotta@gmail.com

³ Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal do Pará. Atualmente é Docente do Programa de Pós-Graduação Linguagens e Saberes da Amazônia e professora Adjunta da Universidade Federal do Pará Campus de Bragança-Pa. É membro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Coordena o Grupo de Pesquisa de Educação de Jovens e Adultos e Diversidade na Amazônia - E-mail: jdneves@ufpa.br

Bragança, com duas turmas do ensino fundamental, no ano de 2019. Foram observados os seguintes aspectos: Interação das alunas surdas com os colegas ouvintes, a inter-relação professor-aluno, a reação dos alunos ouvintes ao aprender o básico de Libras.

2-HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Na antiguidade os surdos não considerados humanos, vejamos nas palavras de Costa (2010):

Na Grécia, em 384a.C., eles eram considerados insensíveis, sem raciocínio e não humanos. Para Aristóteles, não sendo capaz de falar, o surdo também não tinha a possibilidade de ser educado, de construir pensamentos ou de expressar seus sentimentos. (COSTA, 2010, p. 20).

Os surdos não tinham nenhum valor social, ao redor do mundo, o surdo era destruído, marginalizado e até morto, como mostra Oliveira (2013):

As principais civilizações da época eliminavam os surdos de diferentes formas, como, por exemplo, os chineses, que os lançavam ao mar. Já os gauleses os sacrificavam aos deuses e, na Grécia, principalmente em Esparta, eram lançados do alto de rochedos. (OLIVEIRA, 2013, p. 29).

Como resultado de certas crenças sociais e religiosas interferindo na forma como o surdo era percebido pelos outros, podemos dizer que os surdos na idade média foram quase completamente excluídos da sociedade, porém, de acordo com os estudos de Veloso e Maia (2011), os surdos eram considerados seres enviados pelos deuses, então eram protegidos, não tivessem acesso à educação.

Somente no final da idade média encontramos dados sobre a educação de pessoas com deficiência, aqui vemos o início das tentativas de educar e integrar as crianças que tinha alguma deficiência na sociedade, vejamos;

Até o século XV, os surdos tornaram-se alvo da Medicina, interessada em pesquisar, analisar o surdo como um objeto de estudo e da religião católica, mais interessada em se promover à custa de certa “caridade” com essas pessoas, já que a surdez era vista como uma forma de punição divina. (HONORA; FRIZANCO, 2009, Pag. 20).

A igreja terá duas posturas diferentes em relação as pessoas surdas, para Oliveira (2013) a igreja convidou monges que se comunicavam através de gestos por conta do voto de silêncio para serem os preceptores dos surdos. O surdo, a princípio era visto como algo a ser estudado, havia deixado de ser um ser humano e passou a ser considerado como uma

incógnita. Dependendo da sua classe a pessoa com deficiência podia até ser cuidada e ter uma educação e os que não tinham condições, dependiam da caridade da igreja. Com predomínio atendimento as pessoas surdas de classe social abastada, como podemos ver nas palavras de Honora & Frizanco (2009);

A Igreja Católica tinha grande influência na vida de toda a sociedade da época, mas não podia prescindir dos que detinham o poder econômico. Portanto, passou a se preocupar em instruir os surdos nobres para que o círculo não fosse rompido. Possuindo uma língua, eles poderiam participar dos ritos, dizer os sacramentos e, conseqüentemente, manter suas almas imortais. Além disso, não perderiam suas posições e poderiam continuar ajudando a Santa Madre Igreja. (HONORA & FRIZANCO, 2009, p. 19).

Até o século XV o mundo a sociedade não via o sujeito surdo como sendo capaz, não podia se expressar, logo não tinha capacidade de pensar e tomar decisões. Segundo Costa (2010) eles não tinham nenhum tipo de acesso à educação.

Pode-se dizer que a partir da idade moderna, século XVI, o surdo deixou de ser considerado uma criatura e passou a ser enxergado como um ser humano. Cardano (1501-1576) defendeu que o surdo era capaz de pensar e ser educado e, assim, iniciou a educação aos surdos usando figuras para associação segundo Honora e Frizanco (2009) que ele partiu do entendimento de que estabelecendo relações entre a escrita os sons das falas e as ideias que representavam.

Outra figura importantíssima dessa época foi o educador e monge Pedro Ponce de Léon (1510-1584), considerado o primeiro professor de surdos da história, ele ensinou o surdo a falar, ler e a escrever, por meio da datilologia a escrita e a oralização (OLIVEIRA, 2013).

Ressalta-se que apesar dessas experiências a surdez, nesse período, ainda era considerada um problema de saúde, algo a ser castigado e corrigido, tentando coagir os surdos a falar como se fossem ouvintes (LOPES, 2007). Tentando assim fazer com que aquela deficiência fosse vista como um erro a ser consertado.

Segundo Oliveira (2013) João Pablo Bonetti foi quem criou o primeiro tratado de ensino de surdos e foi o primeiro que idealizou e desenhou o alfabeto manual para ensinar pessoas com deficiência auditiva que recebeu o nome de Língua de Sinais Francesa, utilizando sinais manuais que substituíam os sons do alfabeto. Charles Michel l'epée (1712-1789) na década de 60 em Paris fundou a primeira escola para surdos que possibilitou que muitos surdos da comunidade tivessem reconhecimento de que a pessoa surda podia se comunicar. Jesus, Borba (2017)

Nos anos que se seguiram, houve um período próspero para a educação dos surdos com a fundação de várias escolas pelo mundo. Nesse momento, os surdos já podiam utilizar a Língua de Sinais na comunicação e exercer algumas profissões. (JESUS; BORBA, 2017, p. 303)

Segundo os estudos de Honora e Frizanco (2009) o século XVIII é considerado o período mais próspero da educação dos surdos, pois houve a fundação e evolução de várias escolas para os surdos. Esse avanço na educação dos surdos só se deu através da iniciativa dos estudiosos que se dedicaram ao ensino da pessoa surda Oliveira (2013).

É preciso demarcar aqui a disputa entre as escolas de sinais e oralista para compreendermos o predomínio do oralismo na contemporaneidade a partir do congresso de Milão.

Já no período contemporâneo a ideia do oralismo era muito forte como concepção de educação da pessoa surda. Segundo Honora e Frizanco (2009) nesse tempo ainda era exigido à diminuição da surdez para que os surdos pudessem ter acesso a conhecimento.

A filosofia do oralismo contou com vários apoiadores, como Itard (1774-1838), Gaulladet (1864-1910), Gérando (1772-1842) e Alexander Graham Bell (1847-1922), que defendiam que o uso de sinais deveria ser utilizado ao lado da língua oral, e que o método oral deveria ser preferido porque o uso de sinais prejudicava o desenvolvimento da fala (MAIA, VELOSO, 2011)

Segundo Lima (2004) houve também o congresso de Milão de 1880 que foi considerado um congresso mundial que declarava a utilização simultânea da fala e dos sinais como uma desvantagem um empecilho para o desenvolvimento da fala, desse modo através do congresso o método oral puro foi declarado como aquele que deveria ser adotado de forma oficial.

Não eram respeitadas as dificuldades de alguns surdos por causa de sua perda de audição severa e profunda. As pessoas somente estavam interessadas em fazer com que o surdo fosse “normalizado” e que desenvolvesse a fala para que assim ninguém precisasse mudar ou sair da sua situação confortável. Quem deveria mudar era o surdo. O que não entendia é que, para a grande maioria deles, não era situação possível (HONORA; FRIZANCO, 2009).

De acordo com Oliveira (2013) no Brasil a educação de surdos teve início com a chegada do professor surdo Hernest Huet:

No Brasil, a educação dos surdos se iniciou durante o Segundo Império, com a vinda do educador francês Hernest Huet, ex-aluno surdo do Instituto de Paris, que trouxe o alfabeto manual francês e a Língua Francesa de Sinais. E assim deu-se origem à Língua Brasileira de Sinais, com grande influência da Língua Francesa. Solicitou ao Imperador Dom Pedro II, um prédio para fundar o Instituto dos Surdos-Mudos do

Rio de Janeiro, atual Instituto Nacional de Educação dos Surdos – INES, em 26 de setembro de 1857. E Dom Pedro II aceitou, pois tinha um parente surdo. Com 100 vagas para alunos do Brasil todo e somente 30 financiadas pelo governo, que oferecia educação gratuita e estes tinham de 9 a 14 anos. (OLIVEIRA, 2013, p. 32).

A educação dos surdos no Brasil passou por uma mudança de paradigma do oralismo, que dominou até a segunda metade da década de 1990, para o bilinguismo, com a introdução da Lei 10.096 (BRASIL, 2002), da Lei Libras e do Decreto 5626 (BRASIL, 2005).

Na década de 1970 a educadora Ivete Vasconcelos, da universidade Gallaudet visitou o Brasil e trouxe a filosofia da “Comunicação Total”, e na década seguinte com as pesquisas feitas pela professora linguista Lucinda Ferreira Brito sobre a língua brasileira de sinais e da professora Eulália Fernandes sobre a educação dos surdos ajudou a difundir o Bilinguismo (HONORA; FRIZANCO, 2009)

Segundo Oliveira (2013) o bilinguismo tem como pressuposto a necessidade do estudo ser bilíngue, adquirir a língua de sinais como língua materna e ter como segunda língua a oral utilizada por seu país. Vejamos;

Com o bilinguismo a língua de sinais passou a ser enfatizada e valorizada assim como a cultura surda, proporcionando maior independência e ter uma comunicação efetiva, diferente do método da oralização que submetia o surdo a cultura hegemônica. (OLIVEIRA, 2013, p. 34)

A escola, ao garantir a especificidade da língua da pessoa surda, pela valorização das suas experiências e culturas, põe em prática o princípio de solidariedade humana, como sugere o artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (Lei n. 9.394/96) no Capítulo III, art. 4º, inciso III, diz que é dever do Estado garantir o “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino”.

Trata-se, sem dúvida, de um avanço em relação ao passado, quando um jovem com necessidades especiais era marginalizado pela sociedade, onde além de não receber nenhum tipo de educação, não podia participar de interações ou atividades sociais.

3- AS CONTRIBUIÇÕES DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS-LIBRAS- NO PROCESSO EDUCACIONAL DA PESSOA SURDA.

Segundo Quadros (2006), Meier, (1980), Loew (1984), Lillo-Martin (1986) e Petitto (1987) em um estudo sobre o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem em crianças surdas filhas de pais surdos tiveram acesso à língua de sinais da mesma forma que uma criança ouvinte tem em aprender a língua oral. Quadros (2006) diz que é caracterizado como privilégio, porque elas representam apenas 5% das crianças surdas, ou seja, 95% das crianças surdas são filhas de pais ouvintes. E analisou-se que neste processo a criança surda adquiriu a língua de sinais de forma similar que as crianças ouvintes aprendem a língua oral-auditiva.

De acordo com as pesquisas desenvolvidas no contexto educacional de alunos surdos, é comprovado que o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) é indispensável aos estudantes com surdez, como forma de consolidar o acesso aos conhecimentos escolares, Politicamente, apresenta uma concepção de educação como um direito de todos os grupos sociais, portanto, aos surdos (as) também deve ser garantido.

Quadros (2006) evidencia que a LP é fundamental para aquisição da leitura e escrita, entretanto, para os (as) estudantes com surdez afirma que sua aprendizagem só é possível mediante o ensino da Libras. Desta forma, se observa uma relação de dependência entre essas línguas no processo de desenvolvimento da criança surda, considerando as práticas pedagógicas escolares. Nesse sentido, a garantia do direito ao conhecimento escolar, para os (as) referidos (as) estudantes, está condicionada ao uso da língua de sinais.

De acordo com Quadros (2006) a Libras é a língua materna das pessoas surdas, contudo, indica que aprender a LP a partir do processo formal de educação é uma necessidade, haja vista que o Português é a língua oficial do Brasil. Para Quadros (2006) a perspectiva bilíngue da escolarização (Libras e LP) se coloca como um caminho para viabilizar o letramento da pessoa com surdez e a formação continuada dos (as) docentes é vista como um elemento necessário para efetivação dessa prática pedagógica.

A preocupação com a qualidade da formação dos (as) docentes que atendem as crianças surdas é apresentada desde o prefácio do texto, no qual se afirma: Normalmente, não são professores surdos e não são falantes nativos da língua brasileira de sinais. E são estes professores que usam a língua de sinais com as crianças surdas no contexto educacional. Faz-se necessário reconhecer que a língua de sinais é uma segunda língua para eles e, portanto, requer anos de estudo e prática para ser bem compreendida e produzida [...] Muitas vezes, esses professores acreditam que o que usam seja a língua de sinais. Isso tem implicações no processo educacional da criança surda. A escola deve buscar alternativas para garantir à criança acesso aos conhecimentos escolares na língua de sinais e o ensino da língua portuguesa como segunda língua (QUADROS; SCHMIEDTP, 9-10).

No âmbito da Libras, a qualificação dos(as) docentes é vista como um aspecto indispensável, pois acredita-se que ao adotar uma perspectiva bilíngue no trabalho pedagógico

da escola garante ao estudante com surdez o desenvolvimento dos conhecimentos escolares por meio da coexistência da Libras e da LP, considerando o contexto socioeducativo e cultural.

De acordo com Quadros (2006, p. 13) “(...) os surdos brasileiros usam a língua de sinais brasileira, uma língua visual-espacial que apresenta todas as propriedades específicas das línguas humanas. É uma língua utilizada nos espaços criados pelos próprios surdos (...)”.

Para Quadros (2006) a concepção de uma prática educacional que adote o bilinguismo se ancora em diversos pressupostos que fundamentam os argumentos em prol da implementação da língua de sinais na escola, a fim propiciar maior acesso e participação da pessoa surda nas interações decorrentes do processo educacional.

Dentre os pressupostos apresentados destacam-se os Estudos Surdos, em que se assume a narrativa dos surdos, valoriza as suas histórias de vidas, defende o direito linguístico e à diferença; as Identidades/culturas surdas, em que se identificam as especificidades culturais do grupo de surdos analisadas por meio de um processo social discursivo, são multifacetadas e se traduzem via língua de sinais. Nesse sentido, “(...) as formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes. Elas são de outra ordem, uma ordem com base visual” (ibid. p. 14).

Ainda encontramos pressupostos da Língua e linguagem, entendido como sistema que possibilita o desenvolvimento da comunicação, cuja compreensão se dá nos níveis biológico e social; da Língua de sinais brasileira, vista como sistema de comunicação visual espacial com estrutura própria; das Políticas linguísticas, que expressam a legalidade, reconhecimento e o direito ao uso da Libras, por exemplo, a Lei 10.436 de 2002 e o Decreto 5626 de 2005 e ainda do Letramento, que se refere a aquisição e a utilização da leitura e escrita articuladas a prática social.

Quadros (2006) ressalta que o bilinguismo se materializa quando a escola desenvolve as atividades considerando uso das duas línguas escolhidas, que no caso da pessoa surda aqui no Brasil dever ser a Libras e a LP, nesse sentido Quadros (2006) afirma:

Educação bilíngue envolve, pelo menos, duas línguas no contexto educacional. As diferentes formas de proporcionar uma educação bilíngue a uma criança em uma escola dependem de decisões político-pedagógicas. Ao optar-se em oferecer uma educação bilíngue, a escola está assumindo uma política linguística em que duas línguas passarão a coexistir no espaço escolar, além disso, também será definido qual será a primeira língua e qual será a segunda língua, bem como as funções que cada língua irá representar no ambiente escolar. Pedagogicamente, a escola vai pensar em como estas línguas estarão acessíveis às crianças, além de desenvolver as demais atividades escolares (QUADROS, 2006, p. 18).

De acordo com Quadros (2006) a configuração dessa proposta está condicionada as políticas de cada região brasileira. Desse modo, não existe um padrão fechado, é necessário considerar aspectos culturais e políticos de cada município. Um elemento importante apontado é que “(...) independentemente do contexto de cada estado, a educação bilíngue depende da presença de professores bilíngues” (p. 19).

Podemos observar que o texto apresenta uma discussão sobre a importância da Libras para o desenvolvimento da criança surda, além de apresentar elementos do processo de aquisição da língua por essas crianças. Quadros (2006) afirma que “as crianças com acesso à língua de sinais desde muito cedo, desfrutam da possibilidade de adentrar o mundo da linguagem com todas as suas nuances” (p. 20).

Isso significa que ela estará criando novas concepções usando uma linguagem que será percebida e compreendida ao longo do processo. Todo esse procedimento permite que o sentido seja transmitido por meio da escrita, que pode ser feita em sua própria língua como é feito no português.

Levando em consideração os fatores internos e externos que influenciam no processo de aquisição linguística do aluno que teve pela primeira vez contato com a língua de sinais. Muitos alunos tem dificuldade em aprender a linguagem de sinais o que acaba por atrasa-lo em seu aprendizado. Por isso, é fundamental que as crianças surdas entrem em contato com a Libras o quanto antes para que possam ter um desenvolvimento linguístico adequado.

3.1 – INTERAÇÃO E APRENDIZAGEM

Para Vygotsky (1989)

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social, e sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social. (VYGOTSKY, 1989, p. 33)

Em outras palavras, é fundamental que a criança tenha interação constante com seus pais, outras crianças e educadores. Com a interação, o educador pode facilitar o aprendizado da criança, incentivá-la e demonstrar que com essas relações ela poderá falar problematizar e propor soluções, preparando-a para tomar suas próprias decisões e formar opiniões, preparando assim este futuro adulto a viver de forma independente.

E para isso é muito importante ter como base a interação do indivíduo com o mundo. Desde que nascemos, recebemos uma gama informações das coisas, porém, a criança precisa adquirir um conhecimento mais profundo, para assim conhecer sua realidade. Para Martins (1997), desde o nascimento;

Desde o nosso nascimento somos socialmente dependentes dos outros e entramos em um processo histórico que, de um lado, nos oferece os dados sobre o mundo e visões sobre ele e, de outro lado, permite a construção de uma visão pessoal sobre este mesmo mundo. (MARTINS, 1997, p. 113)

Somente com a participação de outras histórias, apropriando-se de seus conceitos, culturas, histórias e ideias, podemos criar nossa própria história. A criança já tem suas próprias características únicas, assim como os que estão a sua volta, e como resultado, suas percepções estão mudando, ela está aprendendo e desenvolvendo sua própria visão pessoal e crítica.

E para essa construção, os instrumentos e símbolos são essenciais. A linguagem, por exemplo, é um instrumento simbólico de nossa realidade, é através dela que o sujeito se apropria de ideias e as transformam continuamente.

Vygotsky (1989) determina a diferença entre significado e sentido: o significado expressa o que algo quer dizer ou representar, normalmente determinado pelo meio social do indivíduo. O sentido pode estar relacionado às particularidades e sensações de origem interna (o pessoal) ou externa (o social) do sujeito.

A fala é onde os significados são estabelecidos socialmente e por meio dela nos expressamos e interagimos e assim nos desenvolvemos. As crianças, para adquirirem a fala precisam interagir com os adultos, e assim construir seus significados.

Trazendo uma fala dos estudos de Martins (1997) que tem como análise a teoria de Vygotsky:

Quando imaginamos uma sala de aula em um processo interativo, estamos acreditando que todos terão possibilidade de falar, levantar suas hipóteses e, nas negociações, chegar a conclusões que ajudem o aluno a se perceber parte de um processo dinâmico de construção... Ao valorizarmos as interações, não estamos esquecendo que a sala de aula tem papéis que precisam estar bem-definidos, mas também queremos reforçar que estes papéis não estão rigidamente constituídos, ou seja, o professor vai, sim, ensinar o seu aluno, mas este poderá aprender também com os colegas mais experientes ou que tiverem vivências diferenciadas. (MARTINS, 1997, p. 118)

Posto isso, o professor tem como papel ser o mediador, para que haja interação e entendimento dos novos saberes, mesmo que possam ocorrer algumas divergências de conclusões, é com ela que paramos, sentamos, conversamos e entramos em acordo, criando

assim significados para coisas que tem muitos outros sentidos. Para Martins (1997) os valores e desejos estão sempre;

Valores e desejos estão sempre permeando as relações entre as pessoas; ao conseguirmos não marcar as relações com preconceitos que mascaram todas as possibilidades de conhecimento real, estaremos abrindo um campo interativo entre nosso aluno e todo o grupo que o rodeia. (MARTINS, 1997, p. 119)

Ao se deparar com o meio, com a cultura, com o histórico, é que construímos nossas concepções. É na escola que a aprendizagem desenvolve nosso intelecto, é onde temos nossa primeira interação em sociedade, onde aprendemos sobre nosso passado, cultura e nosso meio social, e é necessário se dar de forma espontânea, para que haja mais e mais aprendizagem. Para Martins (1997) o papel do professor nessa proposta interacionista, é;

Decorre daí o fato de a proposta sociointeracionista atribuir ao papel do professor uma grande importância. Cabe a ele promover a articulação dos conceitos espontâneos da criança com os científicos veiculados na escola, de tal forma que, de um lado, os conceitos espontâneos possam inserir-se em uma visão mais abrangente do real, própria do conceito científico, e, de outro lado, os conceitos científicos tornem-se mais concretos, apoiando-se nos conceitos espontâneos gerados na própria vivência da criança. Criam-se, assim, novas condições para que os alunos compreendam de forma mais ampla a realidade. (MARTINS, 1997, p. 120)

Diante disto, podemos afirmar que a escola é um importante meio interativo onde a criança, aprende significados e construa seus sentidos através de suas vivências e particularidades para que assim exponham em sala de aula para que aconteçam as trocas de experiências entre os colegas.

Para o pesquisador Ausubel (1980), ao atribuir significados a algo a partir dos seus próprios conhecimentos, é que acontecia a aprendizagem significativa, mesmo que esses significados não existam na concepção do sujeito. Para Ausubel (1980) quanto mais sabemos, mais aprendemos, para ele, aprender era ir atrás de mais conhecimento e transformar as que o sujeito já tinha e relacionar com as novas. Quanto mais conhecimento, mais informações, melhor seria o resultado final do estudo.

Na concepção de aprendizagem de Ausubel (1980) observamos três tipos de aprendizagem, a cognitiva que tem haver com a memória, a interpretação das coisas, seu lado crítico. A afetiva são as percepções, crenças, sentimentos, e a Psicomotora está relacionada a movimentos, sejam eles amplos ou restritos, a habilidades do corpo. Uma se interliga a outra, a afetiva se dá ao lado da cognitiva, que é também importante para adquirir habilidades na psicomotora.

Vejamos nos estudos de Moreira (1995) a teoria da aprendizagem proposta por Ausubel:

Novas ideias e informações podem ser aprendidas e retidas, na medida em que conceitos relevantes e inclusivos estejam adequadamente claros e disponíveis na estrutura cognitiva do indivíduo e funcionem, dessa forma, como ponto de ancoragem as novas ideias e conceitos. (MOREIRA, 1995, p. 152)

De acordo com Moreira (1995) sempre que uma informação ou ideia for apresentada nesse processo de aprendizagem é necessário que alguns pontos estejam claros e disponíveis para que a aprendizagem aconteça. Estimular essa aprendizagem cognitiva estimula a construção de sua noção como cidadão, para entender que fazemos parte de uma sociedade. Ela irá usar seu conhecimento para a solução de problemas, revisando continuamente seus modelos mentais.

Sendo assim, tanto Vygotsky (1989) quanto Ausubel (1980) destacam a importância de interação do sujeito com o meio, para que haja trocas de informações, informações essas que já vem conosco, que confrontados com outros conhecimentos, formam seu senso crítico como sujeito, o meio precisa sempre estimular essas interações, para que assim haja um real aprendizado.

4- METODOLOGIA

O estudo em questão é de base qualitativa, e pesquisa exploratória, envolvendo, dessa forma, levantamento bibliográfico compatível à pesquisa e a atividade em uma sala de aula envolvendo ouvintes e surdos e seus questionamentos a respeito da realidade humana sendo como um processo inacabado e permanente, uma combinação entre as teorias estudadas e os dados coletados, refletindo a realidade das situações encontradas em sala de aula.

O Lócus onde a pesquisa foi realizada é a escola EEEF Externato Santo Antônio de nível fundamental da região de Bragança/PA, para seleção dos participantes adotamos como critério que tivessem alunos surdos frequentando a sala de aula do ensino regular juntamente com alunos ouvintes, e assim foram escolhidas duas turmas do ensino fundamental do período da tarde.

Os dados coletados para a comprovação da pesquisa foram obtidos através da aplicação do ensino da Libras para alunos surdos e ouvintes que nunca tiveram contato com a Língua brasileira de sinais-Libras, essa ação ocorreu através de uma formação extensiva desenvolvida pelo projeto de extensão da Universidade Federal do Pará-UFPA/campus

Bragança, Conexão Libras, coordenado pela professora Leila Mota, a ação do projeto teve duração de um semestre na escola, e as aulas ocorreram duas vezes na semana de forma presencial, nos horários de 14:hs até 16:00hs, é importante frisar que foi antes da pandemia.

Em seguida foi feita uma investigação bibliográfica, um levantamento da literatura da área sobre surdez, LIBRAS e as diferentes línguas de sinais para uma melhor concepção.

Os participantes de pesquisa foram duas alunas surdas, uma do quinto e a outra do sexto ano do ensino regular. As identidades das alunas foram preservadas. Para garantir o anonimato das participantes da pesquisa, ao longo deste TCC são atribuídos pseudônimos a estas. Mas para um melhor entendimento, tratava-se de duas salas, com 10 a 15 alunos em cada, com crianças de 12 a 15 anos, sendo a mais velha uma das alunas surdas. Em cada sala havia uma aluna surda, uma de 12 anos e a outra de 15.

A pesquisa caracteriza como abordagem qualitativa, visto que considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números (Prodanov, 2013, pag. 70). A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicos no processo.

Godoy (1995) diz que a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes.” (GODOY, 1995, pag. 2). Ou seja, a pesquisa qualitativa tem um caráter exploratório, seu foco está na subjetividade do objeto analisado, busca compreender o comportamento do objeto de estudo, analisando suas particularidades e especificidades.

Para desenvolver e aplicar as aulas propostas pelo projeto, os conteúdos das aulas foram ensinados em dois momentos, em teoria e prática, iniciamos o conteúdo com o ensino dos sinais de: Alfabeto Manual, Saudações, Animais, Cores, Família, Dias da Semana, Meses do Ano, Tempo e Contrários. A prática realizada logo em seguida aos sinais ensinados, para que houvesse melhor entendimento da aula e interação entre os alunos ouvintes e as alunas surdas.

Para a conclusão da aplicação do projeto, optamos juntamente com a turma em realizar a apresentação de um poema no evento “Desafios e conquistas” que ocorreu na Universidade Federal do Pará do campus de Bragança.

Segundo Gonsalves (2001, p.67), “A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do

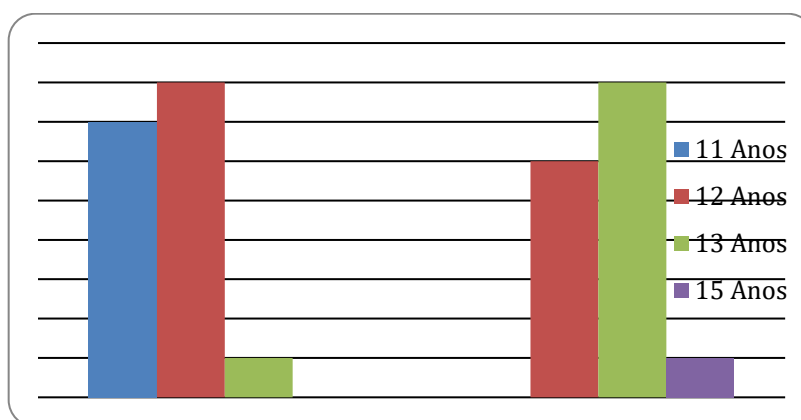
pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas”. Ou seja, deve-se ir ao local pesquisar, vivenciar e relatar suas experiências.

Gostaria de ressaltar a importância da monitoria na minha trajetória acadêmica, foi extremamente significativa, esta experiência abriu caminhos às novas perspectivas e opiniões antes desconhecidas. Foram experiências que me motivaram a querer buscar mais informações, e contribuiu a propagar o conhecimento que aprendi. A monitoria possibilita ao aluno-monitor o aprofundamento do conhecimento do conteúdo específico da disciplina e motiva-o a encontrar meios para uma melhor transmissão de tal conteúdo. É uma atividade que encaminha o aluno à parte prática atrelada ao conhecimento de seu curso.

4.1 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Gráfico 1- Faixa etária dos alunos

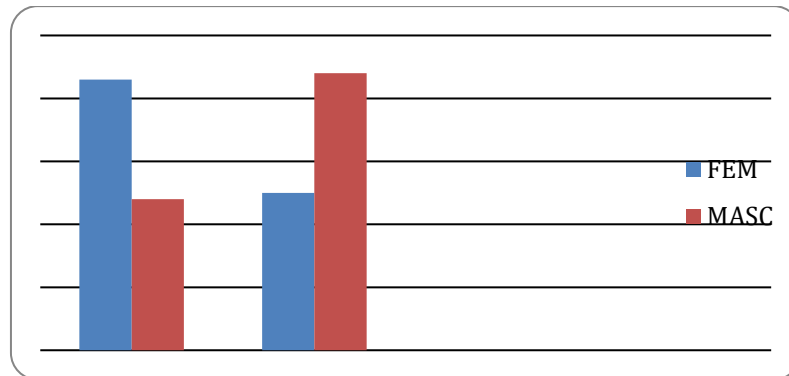
Com relação à idade das crianças das duas salas, a maioria dos alunos pesquisados tinha uma faixa etária de 11 a 13 anos. A criança que tinha maior idade era uma das alunas surdas, que tinha 15 anos na época.



Fonte: Autor, 2020 dados da pesquisa.

Nas primeira sala havia mais meninos do que meninas, e na segunda haviam mais meninas do que meninos

Gráfico 2- Sexo dos alunos



Fonte: Autor, 2020 dados da pesquisa.

No quesito sobre a importância da aquisição da Libras para a interação e desenvolvimento, tanto na área escolar quanto nas relações interpessoais, Vejamos o que cada aluna demonstrou depois do contato com a libras.

A aluna 1 : conseguia se expressar, tinha amigos, sempre demonstrava está feliz e participativa das brincadeiras.

A aluna 2 : É importante ressaltar, que por nunca ter tido contato com libras, por desconhecer os sinais, a mesma sempre vivia triste e não queria aproximação de ninguém.

É importante frisar que a *aluna 2* ,usava uma língua de sinais classificada como emergentes, que faz parte de uma tipologia de língua de sinais existente no país, porém ela não era alfabetizada na língua brasileira de sinais-Libras e isso contribuía para essa resistência diante dessa nova realidade linguística.

Durante a realização da pesquisa foi possível ministrar todas as aulas interativas, dinâmicas grupais, onde eles se apresentavam em Libras uns para os outros, criando pequenas frases para interagirem entre si. Em relação ao conteúdo ensinado, temos o alfabeto manual, para a iniciação, os numerais, os sinais de família, os cumprimentos, os contrários, e já no fim, os meses do ano e os dias da semana. E no final de cada aula praticavam o que haviam aprendido, comunicando-se entre si. De acordo com Quadros (2004): O processo de alfabetização vai sendo delineado com base neste processo de descoberta da própria língua e de relações expressadas por meio da língua.

Os alunos ouvintes demonstraram muito interesse em aprender, pois mesmo a maioria não conhecendo a língua brasileira de sinais-Libras, alguns menos tímidos procuravam-nos

para tirar dúvidas de posição de mão, expressão, sinais que usavam o espaço, entre outros. Sempre fomos recebidos com muitas alegrias, pois gostavam das atividades em grupo e do material ensinado no Power point, que continha tanto informação de Libras quanto da LP, Para Quadros (2006) a interação entre a LP e a língua brasileira de sinais;

Falar sobre os processos de interações comunicativas, sobre a língua de sinais e sobre a língua portuguesa escrita são formas de desenvolver a conscientização do valor das línguas e suas respectivas complexidades. Este exercício dará subsídios para o processo de aquisição da leitura e escrita em sinais, bem como para o desenvolvimento da leitura e escrita do português como segunda língua. (Quadros, 2006, p. 31)

Podemos observar a importância tanto da LP como da Língua de sinais no processo de leitura e escrita da pessoa surda, posto isto, ambas tem fundamental importância na formação educacional dos alunos surdos.

Durante esse período vivenciado foi possível observar que a *aluna: 1* obteve um aprendizado considerado significativo, realizando os sinais com facilidade, é importante ressaltar que o apoio do seu irmão, que estudava na mesma sala, foi de fundamental importância nesse processo de aprendizagem da Libras, apesar da aluna apenas se comunicar usando as línguas emergentes, nesse processo de aquisição da Libras, foi possível realizar a comunicação tanto com seus colegas ouvintes, como a compreensão dos conteúdos ministrados pela professora. É importante ressaltar que Ausebel (1980) afirma a importância das experiências vivenciada como facilitadora no processo aprendizagem. Para (Quadros, 2006) A interação passa a apresentar qualidade e quantidade que tornam o processo educacional rico e complexo.

É importante ressaltar que com a *aluna: 2*, as atividades tiveram resultado oposto da *aluna 1*, normalmente durante as aulas a aluna já demonstrava que não queria participar, sinalizando sempre “de forma negativa fazendo com a cabeça o sinal de negativo”, mesmo a professora da sala de aula *chamando*, a aluna sempre se mostrava muito resistente. E foi assim durante toda a formação, algumas vezes a *aluna 2* tentou por duas vezes fazer os sinais do poema que seria recitado na apresentação final do projeto, porém logo perdia o interesse e ficava observando os colegas. De acordo com Mota (2020) as Línguas de sinais emergentes-caseiros fazem parte de uma tipologia de línguas de sinais, e normalmente são utilizadas pelos Surdos para se comunicarem no ambiente familiar e em determinados espaços sociais (casa, igreja), pois muitos não conhecem a Libras, porém não podem ser desprezados. Mota (2020) aponta que esse processo de aceitar novos sinais ele não acontece de forma tão rápida ele

pode demorar, assim como as palavras que usamos nas línguas oralizadas, não costumamos mudar palavras com tanta facilidade. Para Mota (2020) *apud* Quadros (2004), esse conhecimento linguístico;

Esse conhecimento linguístico usado pelos Surdos antes de iniciar a sua vida escolar é essencial no processo de aprendizagem e alfabetização tanto da Libras como da Língua portuguesa-L2. A tarefa do ensino da LP torna-se possível se o processo for da alfabetização como segunda Língua-L2, sendo a Língua de sinais brasileira reconhecida e efetivamente a primeira Língua-L1. A escola torna-se, portanto, um espaço linguístico fundamental, pois normalmente é o primeiro espaço que a criança Surda entra em contato com a Libras. (MOTA, 2020, *APUD* QUADROS, 2004, p. 116).

Para Mota (2020) As Línguas emergentes comumente são vista pelos profissionais que atuam na educação de Surdos de forma negativa. Sabemos que a Libras tem um papel importante na vida escolar dos surdos, porém, não podemos ignorar esse conhecimento cultural e linguístico que os Surdos têm quando chegam à escola, conforme nas palavras de Mota (2020) *apud* Figueiredo (1995) a L1 não tem nenhuma interferência que irá prejudicar o processo da aprendizagem da L2, no caso dos Surdos, a língua portuguesa é sua L2. Esse processo de aquisição da libras, não acontece de forma única, cada aluno tem um tempo para aprender.

Conforme Mota (2020) *apud* Cuxac (2000), as Línguas emergentes-caseiros, assegura que a mesma ocorre como “microlíngua familiar”. Ele retoma as primeiras etapas de constituição das Línguas de sinais propriamente ditas.

Segundo Kinobel (1992) Muitas das reações individuais que determinam modelos de relacionamentos também podem ser esclarecidos e explicados, de acordo com a configuração familiar do sujeito e da sociedade da qual faz parte. (KNOBEL, 1992, p. 19). Sendo assim, podemos dizer que os problemas familiares impactam na vida escolar de um aluno, as dificuldades na escola são muitas das vezes dificuldades no seio familiar, que necessitam de um olhar atento e da ajuda de profissionais que a orientem em tal situação. Podemos observar na Figura 1, a interação da aluna 1 surda e alunos ouvintes durante as aulas.

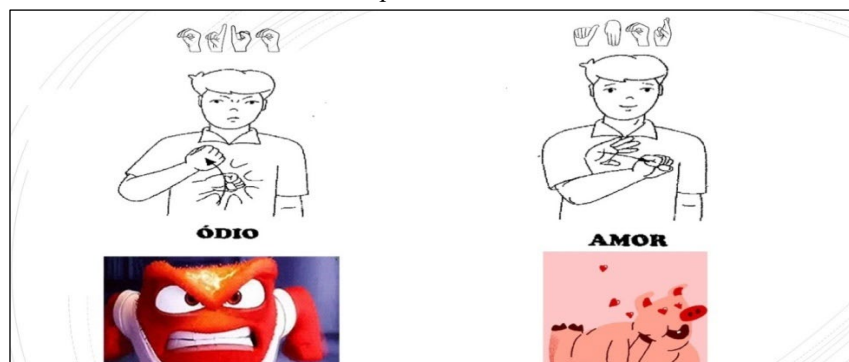
FIGURA 1 – aluna 1



Fonte: Autora, 2020

Foi possível observar em uma das aulas, como não havia um material que a fizesse de fato entender o que significava o sinal, de forma visual, produzimos um material no Power Point, usando recortes dos sinais do material didático do Couto (2010) chamado “Aprendendo Língua de Sinais” no qual possui atividades pedagógicas, colocando cada sinal de cada letra da palavra no qual o sinal estava sendo ensinado junto à de uma imagem, ou se fosse um sinal que indicasse movimento, um gif tirado do Google Imagens, para melhor compreensão, haja vista que a aluna não sabia ler, como por exemplo, se era ensinado o sinal de cadeira, era colocada em cima da cada letra os sinais referentes da frase “cadeira”, e junto da imagem a aluna 1 entendia do que se tratava o sinal apresentado, isso claro, depois do alfabeto da LIBRAS ser ensinado. Para melhor compreensão:

FIGURA 2 – Exemplo de Contrários em LIBRAS



(FONTE: Imagens Sinais: Cléber Couto, 2015; Imagens/Gifs: Google Imagens)

De acordo com Mota (2020) o conhecimento de mundo nesse processo de aprendizagem é essencial para compreensão e desenvolvimento linguístico do aluno surdo, o sinal que a aluna apresentou estranheza foi pela falta de significado no seu cotidiano, é importante ressaltar que esses sinais não fazia parte da sua experiência de mundo.

Assim, podemos observar a experiência tem uma grande contribuição para a aquisição da língua brasileira de sinais-Libras, e contribuiu nesse processo de interação entre surdos e ouvintes, no caso da *aluna 1*, que passou a ver a sua língua materna representada na comunidade escolar e conseguir interagir ativamente com as professores e seus colegas, igualmente as outras crianças, com direito a participar de brincadeiras e se comunicar com todos no ambiente escolar , proporcionado assim a verdadeira inclusão em sala de aula.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos observados nesse estudo, que a língua brasileira de sinais Libras, tem suas contribuições diretamente na interação do aluno surdo em sala de aula, de forma responsável e com comprometimento, junto a inserção de intérpretes, profissionais capacitados e reais ações educacionais inclusivas.

Através deste estudo foi possível entender a função linguísticas da Libras na vida educacional da pessoa surda, tanto para o desenvolvimento como para a interação na sociedade. Por isso, é fundamental que uma criança surda seja alfabetizada na língua brasileira de sinais-Libras, para depois ser alfabetizada na LP, de preferência em suas series iniciais. Outro apontamento observado é que esse processo de aquisição da Língua brasileira de sinais-Libras, ele não acontece de forma única, pois o tempo se difere, pois cada pessoa aprende um tempo específico, esse tempo precisa ser respeitado pelos profissionais que atuam na educação de surdos.

Através desse estudo foi possível também entender a importância das experiências pessoais para a aprendizagem significativa, por isso frisamos a importância de respeitar os conhecimentos linguísticos que os surdos trazem de casa, pois eles exercem uma função importante nesse processo de aprendizagem do surdo

Sendo assim, se faz claro que é de direito uma educação igualitária e de qualidade para todos, buscando sempre melhorias e adaptações que se fazem necessária em nossa educação. Finalizando assim com uma frase de Carvalho (2001) “Numa época de tantas e tão rápidas mudanças, é significativo o esforço de todos nós para iniciarmos este novo milênio com propostas mais consistentes e justas, para todos”.

Sendo assim, pode-se afirmar que os objetivos foram alcançados. Com esse estudo pretende-se contribuir para futuras pesquisas na área de alunos surdos.

6-REFERÊNCIAS

- CARVALHO, E, R. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”** / Rosita Edler Carvalho. – Porto Alegre : Mediação, 2004.
- COSTA, J, P, B. **A educação do surdo ontem e hoje: Posição sujeito e identidade.** Campinas-SP: Mercado de Letras, 2009.
- COUTO, Raimundo Cleber Teixeira. Aprendendo Língua de Sinais: Atividades Pedagógicas em Libras. 1ª Edição, 2015 . Disponível em:
<https://www.passeidireto.com/arquivo/70875955/aprendendo-lingua-de-sinais-atividades-pedagogicas-em-libras-pdf> Acesso em: 20/01/2021
- GODOY, A, S. Departamento de Educação da UNESP, Rio Claro. Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995.
- GÓES, M. C. R. Linguagem, surdez e educação. São Paulo: Autores Associados, 1996.
- GONSALVES, E. P. Iniciação à pesquisa científica. Campinas, SP> Alinea, 2001.
- HONORA, M.; FRIZANCO, M, L, E. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez.** São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.
- JESUS, R, V; BORBA, V, C, M. **Leitura no contexto inclusivo da educação: (Re)pensando a prática para incluir o aluno surdo.** São Paulo: Fólio Revista de Letras, 2017. v. 9, n. 2. p. 295-325.
- KNOBEL, M. Orientação familiar. Campinas: Papyrus, 1992.
- LILLO-MARTIN, D. C. Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. University Microfilms International, Ann Arbor, Mi-chigan. 1986.
- LIMA, M, S, C. Surdez, Bilinguismo e Inclusão. Tese de Doutorado em linguística aplicada. Campinas: IEL/Unicamp, 2004.
- LOEW, Ruth C. Roles and reference in American Sign Language: a development perspective. Doctoral Thesis. University of Minnesota. 1984.
- LOPES, M,C. Surdez & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MARTINS, J, C. **Vygotsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula: Reconhecer e Desvendar o Mundo.** Série Idéias n. 28. São Paulo: FDE, 1997.
- MEIER, R. A cross-linguistic perspective on the acquisition of inflection morphology in American Sign Language. University of California, San Diego and The Salk Institute for Biological Studies. April. 1980.

MOREIRA, M. A. A teoria da aprendizagem significativa de Ausubel. Monografia n° 10 da *5th-ia Ellfoques Tearicos*. Porto Alegre. Instituto de Física da UFRGS. Originalmente divulgada, em 1980, na série "Melhoria do Ensino", do Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino Superior (PADES)/UFRGS, N° 15. Publicada, em 1985, no livro "Ensino e aprendizagem: enfoques teóricos", São Paulo: Editora Moraes, p. 61-73_ Revisada em 1995.

MOTA, Leila Saraiva. Estudantes surdos de centros urbanos: o uso de signos emergentes e as implicações na aprendizagem escolar. Dissertação apresentada à Linha de Pesquisa Educação, Linguagens e Culturas na Amazônia, do mestrado interdisciplinar, do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia-PPLSA da Universidade Federal do Pará.2020. Disponível em: <https://pplsa.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/dissertacoes/221-turma-2018>.

ZESHAN, Ulrike. Raízes, folhas e ramos – A tipologia de língua de sinais. In: QUADROS, R. M. de. VASCONCELLOS, M. L. B. de. (org.). Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais. 9o Theoretical Issues in Sign Language Research Conference. Arara Azul, Florianópolis, Dezembro, 2006. Disponível em: https://socepel.com.br/LIVRES/LIVRO_SOBRE_SURDOS/Questoes_Teoricas_das_Pesquisas_em_Linguas_de_Sinais.pdf. Acesso em: 07 jun. 2017.

OLIVEIRA, K, G. O sentido da vida, a religiosidade e os valores na cultura surda. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. 146 f.

PEREIRA, R, C. Surdez: Aquisição de linguagem e inclusão social. Rio de Janeiro-RJ: Editora Revinter, 2008.

PETITTO, L. On the Autonomy of Language and Gesture: Evidence from the Acquisition of Personal Pronouns in American Sign Language. In *Cognition*. Elsevier Science Publisher B.V. vol. 27. 1987. (1-52).

PINOLA, A, R, R; PRETTE, Z, A, P, D. Inclusão escolar, formação de professores e a assessoria baseada em habilidades sociais educativas. SP- Brasil: Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 20, n. 3, p. 341-356, Jul.-Set., 2014 - <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382014000300003>

PRODANOV, Cleber; FREITAS, Ernani. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUADROS, R, M. Idéias para ensinar português para alunos surdos / Ronice Muller Quadros, Magali L. P. Schmiedt. – Brasília : MEC, SEESP, 2006. 120 p.
QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira:** Estudos Linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RABELLO, E.T. e PASSOS, J. S. Vygotsky e o desenvolvimento humano. Disponível em:<https://josesilveira.com/wp-content/uploads/2018/07/Artigo-Vygotsky-e-o-desenvolvimento-humano.pdf>. Acessado em: 29/06/2021.

SILVA, C, M; SILVA, D, N, H. **Libras na educação de surdos**: o que dizem os profissionais da escola?. Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 20, Número 1, Janeiro/Abril de 2016: 33-43.

VELOSO, Éden; MAIA, Valdeci. **Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez**: DVD - volumes 1 e 2. Curitiba: MãoSinais, 2011. v. 1 e 2, DVD p.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da *mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.